Pag. 347, segue depois da lin. 6.ª—Constava a armada, além de muitos barcos menores e dos transportes necessarios, de cincoenta e duas náos de linha, com 1.185 canhões e 12.563 homens, total das seis armadas parciaes; que vinham a ser, além da de Portugal, a chamada do Oceano, com 11 náos; a de Napoles, com quatro; a de Biscaya, com outras quatro; a das Quatro Villas com seis e a do Estreito com cinco.

Pag. 348.—Segue na lin. 5.ª:—A linha com que o inimigo cobria a cidade, começando pela esquerda, deixava dentro o collegio, ou sé actual, seguia ao longo do dique a comprehender o convento de S. Francisco, defronte do qual havia uma repreza defendida por uma bateria; continuava com o mesmo dique e vinha á porta de S. Bento, donde descia até a praia, sendo desta parte onde estava a sua direita a mesma linha mais reforçada de baterias. A'nossa direita ficava a estancia do Carmo; seguia-se, um pouco para a esquerda, a das Palmeiras, onde chamavam a horta dos corrieiros, sobre um morro a cavalleiro do convento de S. Francisco, e em uma especie de peninsula que ahi formava o dique do nosso lado. Havia depois uma linha de acampamentos da gente da Bahia, ás ordens de D. Francisco de Moura, e logo as estancias de S. Bento, por onde o sitio mais se apertou, com intento de que por ahi se desse o assalto á cidade. Mais á esquerda foi que depois se construiram as plataformas donde foi batida a frota hollandeza.—(Damos estas explicações por haver conseguido ver duas plantas deste sitio, que, conhecidas antes, nos houveram permittido ser mais claros e explicitos na narração que segue).

Pag. 350.—Risque-se a nota. Estes nomes andam trocados e estropiados nas relações que conhecemos. Os chefes que entregaram a praça foram, ao que parece, VVillelm Schouter, Hugo Antonio e Francisco Duchs:—e de refens estiveram os capitães Kiif e Mansfelt.—Em Castella se imprimiram contemporaneamente deste sitio quatro differentes relações. Outra vimos impressa em Napoles (Imp. de Segundino Roncallolo, 1625, em 2 folh.)

Pag. 352.—O 2.º §. deve ler-se deste modo: Esta armada hollandeza passando á vista de Pernambuco com 28 velas, não ousou ahi fundear, e seguiu até a Parahiba; onde o temporal e a pouca franquia da barra lhe impediram tambem de aportar. Vellejando pois para o norte entraram na espaçosa bahia da Traição, para fazer aguada e refazer-se de mantimentos. Aqui desembarcaram em terra uns seiscentos homens em tres alojamentos que entrincheiraram; e eram os doentes em tão grande numero que a principio morriam a quinze e vinte por dia. Pouco depois emprehenderam duas entradas sobre o rio Mamanguape. Informado de tudo Mathias d'Albuquerque, enviou de Pernambuco para desalojal-os uma força de sete companhias de Pernambuco e da Parahiba, com tresentos Indios, ás ordens do governador nomeado para o Maranhão Francisco Coelho de Carvalho. Ao sentir a sua aproximação se embarcaram os Hollandezes, fazendo-se de vela no dia 1.º de Agosto, e deixando compromettidos os Indios que se lhes haviam unido; e que foram acossados por Francisco Coelho, auxiliado por Antonio d'Albuquerque, capitão da Parahiba, e por Francisco Gomes de Mello, capitão do Rio Grande.

Pag. 357.—No *Portugal Restaurado* se chama, naturalmente por erro typographico, Pedro *Moyno* a Piet *Heyn*. Tambem ahi se chama Vanduar-Demburg a VVeerdemburgh.

Pag. 364 e pag. 365.—Pela leitura de uma relação avulsa publicada em Sevilha em 1631 (Imp. de Francisco de Lyra), e de que só ultimamente conseguimos fazer acquisição, podemos ter clara idéa de como e onde se travou o combate naval entre Oquendo e Pater, tão obscuramente apresentado não só pelos historiadores, como até pelo artista contemporaneo, que pintou o grande quadro, representando o mesmo combate, que com o n.º 716 se acha em uma das salas do Museo Naval de Madrid, com este titulo=*Combate naval ocurrido el 12 de Sep. de 1831, sobre la costa del Brasil, en que la*

armada española, mandada por don Antonio Oquendo, venció y destrozó á la holandesa bajo las ordenes del general Hans Pater que murió en la accion.»— Temos deste quadro uma copia, que não reproduzimos pela gravura, por isso que nos daria do combate uma idéa muito menos clara do que a que offerecerá a descripção seguinte, com que substituimos no texto os §§. em que tratamos de Oquendo: «Entretanto pelos esforços do governo de Portugal e aquiescencia da Côrte, se apromptara na Peninsula uma respeitavel esquadra para comboiar um reforço de tropas, um pouco mais consideravel, enviado ao Brazil; e que consistia em mil homens para Pernambuco, oitocentos para a Bahia e duzentos para a Parahiba. O mando da esquadra que só navios de guerra (3) maiores contava dezenove, dos quaes cinco de Portugal, foi confiado ao intrepido guerreiro maritimo hespanhol D. Antonio de Oquendo.—Emproou este para a Bahia (4) e nesta cidade deixou o gente que para ahi se destinára, fazendo-se de novo ao mar (aos 3 de Setembro) com 12 galeões, cinco náos portuguezas e varias caravellas e navios mercantes. Entretanto os Hollandezes informados da sua chegada ás aguas do Brazil, haviam feito sair quatro dias antes (31 de Ag.) do Recife a sua esquadra, ás ordens do atéli afortunado Pater. Ambas as esquadras levadas pelos ventos e correntes, e decahindo para o sul, foram encontrar-se nas aguas dos Abrolhos na altura de 18 gráos de latitude.

«A 12 de Setembro, a aurora começava a apontar no horisonte, quando os nossos auxiliares avistaram, duas leguas a barlavento, a frota inimiga. Constava esta só de dezeseis vasos de guerra; mas os principaes delles, propostos a surprehender os nossos por subita abordagem, estavam muito melhor guarnecidos e tripulados. Com effeito depois das oito horas da manhã dado o signal do combate, Pater com a sua capitanea que montava 46 peças de grosso calibre, emproou para a náo de Oquendo, e o seu almirante Thyszoon para a almiranta hespanhola, que logo metteu a pique ajudando-o do outro bordo outra nau inimiga, e passando ambas logo depois a aprezar um galeão (S. Boaventura) que viera a socorrer a mesma almiranta atravessando-se-lhe pela proa. Entretanto seguiam peleijando atracadas as duas capitaneas; e foi ainda mettido a pique outro barco portuguez (Prazeres menor, ao mando de Cosme do Couto) que veiu em soccorro de Oquendo. O resto dos vasos só tratavam reciprocamente de impedir que as respectivas capitaneas fossem soccorridas, e os nossos tambem que os transportes, que se conservavam mui de largo, fossem tomados ou aggredidos. Até que ás quatro da tarde, manifestando-se o incendio na capitanea inimiga, dentro em pouco foi ella victima das chammas. Por seis ou sete partes, ja estas se communicavam á de Oquendo, quando da contraria conseguiu separar-se, mediante uma rajeira que lhe proporcionou um navio que mandava D. Juan de Prado. Foi ainda victima das chamas a outra náo hollandeza que ajudara a Thyszoon a metter a pique a almiranta hespanhola. A capitanea amiga salvou-se, mas tão derrotada que nem podia marear, e Oquendo tratou de evitar novo encontro com o inimigo, que o seguiu buscando; pelo que embora a Hespanha cante ainda hoje a victoria, não hesitamos em dizer que, apezar da perda de Pater, as maiores vantagens tiveram os Hollandezes. A perda total de um e outro lado foi orçada em mais de mil homens. Da nossa parte faltaram, entre mortos e prisioneiros 585, e ficaram feridos 101.—De Pater se diz, que ao ver incendiada a capitanea preferiu á morte das chamas a das aguas, elemento da sua gloria, e se atirou ao mar. (O general hollandez se envolveu no estandarte da Olanda... e se deitou no mar, e morreu afogado, por não se ver captivo» *Calado*, p. 13).

Pag. 384.—Tambem o pintor Eeckhout esteve em 1641 no Brazil; e delle ha um quadro de scena entretrópica na galeria do palacio de Frideriksborg em Dinamarca, segundo afirma Humboldt.

Pag. 394.—Nota 1. O regresso do Conde da Torre á Bahia é confirmado pela C. R. de 22 de Julho de 1640 que o destituiu de todas as honras, inclu-

sive o titulo. Dos serviços de Luiz Barbalho, que era Pernambucano, pensamos tratar mais extensamente em um artigo biographico especial.

Pag. 418.—Tambem desta occupação do Maranhão e de Bento Maciel e sua capitania trataremos outra vez com mais extensão. Igualmente reservamos, para quando dermos conta das supressões, o tratar das visinhas capitanias de Cumã ou de Alcantara (confirmada em 15 de Abril de 1644 e 6 de Out. de 1648 ao dezembargador Antonio Coelho de Carvalho) e da de Cayté e Bragança (originalmente dada por C. de 26 de Maio de 1622 ao governador Gaspar de Souza).

Pag. 420 e seg., nota 2.ª—Deve começar: «Não sabemos se a edição da obra de Ailly citada no texto, é a julgada (Humboldt, Ex. Crit. I, 61 e II, 105) de 1490; sendo a mesma não pode ser deste anno; mas pelo menos anterior ao de 1488, em que Colombo, convidado por D. João II foi a Lisboa: o que podemos assegurar é ser ella identica, etc.»

O fim da nota desde=Infelizmente etc., deve riscar-se.

Nota 11.—As nove linhas anteriores ás quatro ultimas desta nota, desde onde se lê: á margem do pequeno Rio Monduahy, etc., devem substituir-se pelas seguintes: «junto do rio que elle chama de Sta. Cruz e hoje dizem de Mutary; o qual desagua na bahia da Coroa Vermelha. Divergimos porém de Soares em crer que ahi estivera Cabral, que, quanto a nós, fundeou mais ao sul no porto entre a Ponta Gorda e a foz do Buranhem ou R. de Porto Seguro, abrigado da banda do mar por varias restingas, na mais seca das quaes se effectuou por Cabral o acto de posse, etc.

Nota 69.—Cremos que houve engano afirmando-se nas obras de Gil Vicente que Guillen passára a Portugal em 1519. Pelo que ahi se lê fora Guillen boticario, não em Sevilha, mas no Porto de Santa Maria. Ahi se diz tambem que «era grande logico e muito eloquente de muito boa prática, que antre muitos sabedores o folgavão de ouvir; disse a elrei que lhe queria dar a arte de leste a oeste, que tinha achada... fez-lhe elrei por isso mercé de cem mil reis de tença, c'o habito e corretagem da casa da India, que valia muito.»

Nota 86.—Hoje temos quasi a certeza que a «Razão do Estado, etc.» foi escripta pelo Sargento mor Diogo de Campos, autor da jornada do Maranhão. Quem estudar as duas obras, conferir as opiniões dellas, e confrontar a primeira com a sciencia que do Maranhão só tinha Diogo de Campos estará em caminho de encontrar os mais argumentos que temos para seguir tal opinião.

Novas erratas essenciaes: Pag. 2, l. 4 *o* seculo. 4, 4 de *ter*. 7, ult. até *a* India. 12, 3 *ou* outra. 16, ult. no 1.º de Maio (não no ultimo etc.). 19, 32 *a* saber. 21, 30 o que em. 46, 33 *da* Paz. 47, ult *que* termina. 76, 9 nenhum *colono*. 81, 7 foros *e*. 82, 21 guerras. 85, nota, o um l. um. 91, 20 ate *o* sul. 93, 33 *os* das. 95, 19 America *do sul*. 98, 25 *aos* filhos *e* netos. 102, 28 mais *ou* menos. 128, 18 acompanhavam-os. 133, 23..40 fome... metamorphosêa. 134, 15 e a l. pela. 142, 9 ate *as*. 143, 32 ainda *o*. 147, 21 recompensando-os. 161, ult. o ultimo *de*... *mui* vivo .. *me* leixou. 162, 5 *da* Cunha. 178, 19 entendida. 189, 18 risco «toda a colonia e ameaçava a... etc. 191, 13 alguma que l. *uma ou*. 212, 1 do Iguaçú. 218, 28 em vez *do* de. 238, 4 tinham. 243, 1 chegaram. 247, 3 canoas. lb., 5 *á* ilha. 248, 30 cujas. 255, 25 viaticas l. praticas. 274, 38 do mesmo Luiz de Brito. 282, 4 soçobras. 285, 3 deixadas. 290, 15 zigue-zagues. 314, 17 no 315, 4 devia. 328, pen. com Diogo *de Campos*. 329, 11 Melchior. lb., 14 distante. 331, 20 Martim (não Diogo) Soares. 333, pen. *e* bens. 340, 3 e pelo. 341, 11 *o* fogo. 420, 12 4.º l. fol. lb., 17 proprio cardeal d'Ailly. 421, 11 Nota quod... Decembre. lb., 26 in Guineã. 422, lin. 3 da n. 5 prelo *no*. 423, 14 P. 3.ª (não 9.ª). 442, lin. 6, 29, 5, e 443, lin. 47 lea subuehende, subuehebat, subuehebat, subueheret. 443, lin. 1, 5, 27, 34, 45 e 52 l. tranatis.. navclerum.. incollentes.. cum.. santum., delaniandos. 447, l. 2 da n. 48 y agua.

FÉ DE ERRATAS

Com alguns retoques e addições essenciaes.--(O primeiro número indica a pagina, o segundo a linha.)

57-7, pedras lêa pedra. 58-19 e 21, Pélérine l. Pélerine. 60-13, adoptado l. tomado. 63-36, mesma l. mesma costa. ib. (na nota) 1 0 l. 160. 64-7, declarava-se l. designava-se. 66 (á margem) 1534 l. 1535. 67-27, tratava l. cultivava. ib. pen. l. soporiferos. 68 nota 4, Doaç. de Evora de 19 de Nov. de 1535. 69-24 e 27, risque mais. 70-7 e 10, idem. 74-6 l. privilegiadas. ib. 13, cumpre l. cumpria. 73-9, com tal l. com tanto. 77-37, Supplicação ou D. da l. «Caza da Supplicação» e D. do. (No tomo II. seremos mais explicitos). 85 (nota) o um l. um. 87-17 seus l. os seus. 93-33, a das l. os das. 100 (nota 3) Guaya e Guaiauazes l. Guayá e Guayanazes. 101-18 e 19, cabildas... visinhas... em geral serviam a etc. Ib. 33, l. anciãos. Ib. Corrija-se a nota 1.ª pela pag. 311. 102-28, mais o menos l. mais ou menos. 106-12, Jarupá l. Japurá. 109-6, Por vezes l. Por muitas vezes. Ib. 15 subidas l. súbitas. 110-23, todo os l. todos os. 113-27, e «uirari» l. ou «uirari». Id. 28, estes venenos l. os venenos. 115-17, os inimigos l. o inimigo. 124-24, uma festa l. dia de folguedo. 125-26, que l. e que. 126-39, semenos ás l. somenos das. Ib. 40, pae escravo l. escravo. 130-5, tomava l. adoptava. 131-29, a pimentinha l. a certa pasta de pimentinha e sal, a que davam o nome de. 132-6, «cangoeira» l. «catimbaba» e os nossos disseram «catimbáo» e «catimpoeira». Ib. Risque-se nota 1. 133-30, metarmophosea l. metamorphosea. 134-27, lembrar-nos l. lembrarmo-nos. Ib. 30, passado l. chegado. 135-17, acolyto l. assecla. 136-20, certos l. varios. 138-8, sua l. a sua. 139-9, communicação l. commemoração. Ib. 23, ...os de Iguape por occasião etc. l. ...os moradores de Iguape», o que teria logar por occasião etc. Ib. nota 3, Paris l. Paris, 1762. 141-6, com os l. á qual depois foram outorgados os. 142-5, l. enlaçado. Ib. 33, de sesmarias l. de sesmaria. 143-13 e 32, Pero Lopes do mundo.. a l. do mundo Pero Lopes.. o. Ib. Na nota 2 seguem estas palavras: «que para mim que sam morta não quero nada». 149-15, começo l. trecho. 160-35, n'uma pequena l. n'uma paragem da. (No vol. seguinte publicaremos a continuação da nota 59, com a discussão de qual deveria provavelmente ser essa paragem da colonia Nazareth). 161-33, do Barros l. de Barros. 163-6, ou outro l. ou outro individuo. 164-6, conseguiu l. acertou de. 165 pen., nesse anno l. pouco tempo antes (Ag. de 1535). 166-7, meios l. meio. 167-21 e 28, Capitania... mancomunados l. Capitanias... mancommunado. 168-3, era l. ora. 170-12, generalizou l. generalisaram. 171-27, l. puçá. 173-26, Senhor Jesus Christo. 175-24 e 29, l. aquellas... rapidamente. 176-7, nosso l. o nosso. 178-26, l. pseudo-philantropo.

FÉ DE ERRATAS

Com alguns retoques e addições essenciaes.—(O primeiro número indica á pagina, o segundo a linha.)

184-5, taes raças... melhoravam ellas .. as... arrancadas. 189-18, maior risco a ruina l. maior risco toda a colonia, e ameaçava a ruina etc. 190 pen., perrogativas l. prerogativas. 192-6 e 7, l. autorisando... conciliando. 194-3 e 10, l. providenciar... acompanhado. 214-7 e 11 e 21, Souza que... cujo, mando... acompahadas l. Souza... cujo mando... acompanhadas. 229-22, faze-los l. fazer-lhes. 238-4, tinha l. tinham. 246-14 e 251 ult., l. Azeredo. 253-27, risque denominado. 254 (á margem), Jan. 22 l. Jan. 20. 260-38 e 39, legitimidade. 306-19 (nota), Criada pelo Reg. de 25 de Set. de 1587. 309-31, l. metralha. 317-3, se casára. 319-29, 1588 l. 1587 (25 de Set.) 329-14, distante. 340-3, pelo. 341 (no titulo), Restauração l. Rendição. 353-34, Antes de Delft lea, «Delftshaven, a poucas leguas de». 356 (á margem), 1623 l. 1633. Ib. (not. 2). Ann. l. Ann. do R. de Jan.—A deixação de Goes teve logar em Lisboa aos 22 de Março de 1619 (G. 10, 5, 8). 362-13, Paramerim. 364-27, e um novo governador l. confiados ao governador. 368-11, pactuarem. 380-25, Ou cidade Mauricia (risquem-se estas palavras). 382-12, l. perguntava. 393-6, ultimar a remessa do. 396-29, l. perdoado. 392-27, l. Infante. 399-17, nobilissímos. 401-4, em uma l. , segundo diremos, em uma. Ib.-7 e 8, na margem esquerda do rio Marijaitiba (risque estas palavras). 406 nota 1, l. 1611. 415 (not. 4), Alv. de 27 de Set. de 1644. 416-12, Antes de Raymundo lêa Jacome. 417 (not. 2), 1624 l. 1642. 418-38, das Indias l. da India. 425-27, de Santo (risque estas palavras). Sobre o final da nota 11 faremos uma rectificação no tomo II. 433-10 e 16, Faro l. Portimão. Ib.-35 e segs., P. Fermoso—bazrabariles... Motas arenosas... (Jaguariaçu?) Costa de arena. 434-12, l. «Este cavo... en año de 1499 por Castilla syendo etc. 436-49, l. 297 1|2 leguas. 437, Troque-se a numeração das notas 22 e 23. 438-30, l. heridos. 439-3.ª da n. 27, l. Indio Ararigboya. 440-32, valle da l. valle. 445-3, l. leguas Ib. (4.ª da not. 40), (de Mendoza?) l. (de Toledo?). 447-34, insolados l. ilhados. 448-(1.ª da n. 50), l. «Estes eram talvez as» etc. 452-29, l. Teotihuacan. 459-Nota 98, l. Nota 68. 465-ult. Capitanias l. Provincias. 466-(A 2.ª nota 78), devia ter ido em continuação da 3.ª de pag. 253. 467-14, l. Pedro. Na lin. 44 ha engano na citação, que n'outro logar rectificaremos. Talvez deve ler-se P. 1.ª, 27, 67. 468-7, l. 25º. Ib. 1.ª da n. 86, nos confirma «estar persuadido». 474-12, rio l. proprio porto de. Na 2.ª pag. dos fac-similes deve ler-se M. Affonso não Alfonso) e na chamada (5) da estampa de pag. 366 deve ler-se Pontal, em vez de Portada.